

Solidariedade com a REVOLTA NA GRÉCIA

Separata do Boletim Anarco-Sindicalista n.º 30



O Estado assassina!

O teu silêncio dá-lhe armas!

Ocupação de todos os edifícios públicos, já!

Ocupação da Câmara Municipal de Agios Dimitrios

Breve cronologia

Centenas de pessoas manifestaram-se durante a noite de sábado 6 de Dezembro de 2008 para domingo 7, no bairro de Exarchia, no centro de Atenas, logo a seguir ao assassinio de Alexis, de 15 anos, morto pelas balas disparadas por um polícia. Em Exarchia, são frequentes os confrontos entre polícias e anarquistas. Em 1985, outro jovem de 15 anos, Michalis Kaltezas, foi também morto por um chuí no mesmo bairro. Imediatamente estalaram manifestações espontâneas e motins no coração de Atenas.

A Escola Politécnica, o Conselho Económico e as Faculdades de Direito são ocupadas. Em toda a cidade, têm lugar ataques contra o Estado capitalista. Manifestações e confrontos estalam também em Tessalónica, Patras, Volos, Héraklion e La Canée em Creta, em Giannena, em Komotini e em muitas outras cidades. Uma revolta acendendo outra, centenas de imigrantes, candidatos ao direito de asilo, que estavam numa fila para entregar o seu dossier, amotinaram-se em pleno centro de Atenas, incendiando caixotes do lixo e destruindo automóveis. É preciso que se diga que, segundo o Alto Comissariado da ONU para os refugiados, Atenas só aprovou 140 dos 20.692 pedidos de asilo entregues em 2007.

Domingo 7 de Dezembro. Milhares de pessoas marcham em direcção às instalações da polícia em Atenas e atacam a polícia anti-motins. Os confrontos propagam-se pelas ruas da cidade até de madrugada.

Terça-feira 9. Dia da greve geral. Em Patras (terceira cidade grega), uma manifestação

convocada por grupos anarquistas locais reúne entre 3.000 e 5.000 pessoas atrás de faixas contra a violência do Estado. Ruas bloqueadas por barricadas, vitrinas dos bancos partidas ou destruídas com explosivos. Em Atenas, o bairro de Exarchia parece um campo de ruínas e a maioria dos insurrectos entrincheiraram-se nas universidades, onde têm lugar assembleias. Há confrontos violentos. A polícia atira sobre os manifestantes em Palaio Faliro (bairro no Sul de Atenas), pouco depois do funeral de Alexis.

Quinta-feira 11. A Câmara Municipal de Agios Dimitrios, um subúrbio de Atenas, é ocupada por anarquistas. Durante a noite, estalam numerosos confrontos com a polícia na Universidade Politécnica. Dia após dia, os estudantes liceais e do ensino superior tornam-se mais militantes e mais determinados. 700 estudantes encaminham-se para a prisão local e há confrontos no exterior desta. Em Atenas, ao todo, pelo menos 25 comissariados da polícia foram atacados pelos manifestantes à pedrada e com cocktails molotov. A polícia lançou mais de 4.500 granadas lacrimogéneas e teve de encomendar mais no estrangeiro por ter esgotado o respectivo stock. Pelo menos 100 escolas são ocupadas pelos alunos em toda a Grécia, bem como várias Câmaras Municipais.

Quarta-feira 17. O edifício do principal sindicato grego, sindicato colaboracionista com o patronato e o governo, a GSEE (Confederação Geral dos Trabalhadores da Grécia), é ocupado! Às 8 horas da manhã, o edifício é tomado por trabalhadores. A GSEE é uma organização de caciques da confiança do governo e dos patrões. O edifício é agora um Espaço Livre dos Trabalhadores. É divulgada uma declaração da assembleia dos trabalhadores ocupantes.

Quarta-feira 24. Os ocupantes da GSEE lançam um apelo a uma manifestação de solidariedade com os presos. As ocupações das escolas de Direito e Politécnica continuarão até ao dia seguinte (um total de 18 dias). Parece surgir um consenso sobre a necessidade de sair das universidades e espalhar o espírito de revolta na sociedade em geral, que rapidamente se generaliza: em toda a cidade de Atenas são ocupados edifícios municipais e assembleias populares têm lugar nos bairros de Atenas e de Tessalónica. A manifestação de solidariedade com os presos reúne 2.000 pessoas, em torno de slogans contra o Estado, as prisões e o consumismo.

Sábado 27. “A luta pela dignidade e a solidariedade é a nossa luta”. O ISAP é ocupado em resposta ao “ataque violento com arremesso de ácido sulfúrico à cara de Constantina Kouneva em 23 de Dezembro”, uma trabalhadora imigrante e secretária geral do sindicato Pannatica de trabalhadores da limpeza e empregadas domésticas. “Os assassinos pagarão! O terrorismo patronal não passará!”

Terça-feira 30. Em toda a Grécia realizam-se diariamente assembleias de estudantes, à imagem do que se passa em Náfplio. Reúnem-

se cinco assembleias populares e uma estação de rádio é ocupada na cidade de Argos, bem como a sua Câmara Municipal. Em Tessalónica, explode uma bomba nos escritórios do partido Nova Democracia. Provação governamental? Porque por aqui, há já algum tempo que ninguém liga absolutamente nada a “partidos” ou “organizações”...

Quinta-feira 1 de Janeiro de 2009. Em Atenas, um milhar de pessoas participam na manifestação de solidariedade com os presos: começaram por dirigir-se à prisão dos homens, depois seguiram e foram também manifestar-se frente à prisão das mulheres.

Segunda-feira 5. Após a ocorrência de disparos contra a polícia no bairro de Exarchia, vagas de polícia anti-motim e secretas invadem o bairro, atacando e insultando pessoas, entrando nos bares e cafés e mandando toda a gente sair. Têm ordens para desalojar totalmente o bairro e ocupam quase todas as ruas impedindo a entrada. Mais de 100 pessoas são presas.

Sexta-feira 9. Em Atenas tem lugar uma manifestação contra as reformas educativas, o terrorismo de Estado, a polícia, com a participação de cerca de 20 mil pessoas, sobretudo estudantes. Um bloco anarquista com mais de 2 mil pessoas marcou presença. Noutras cidades também tiveram lugar manifestações. Em Tessalónica, um grupo atacou e destruiu o escritório de uma empresa de trabalho escravo, dito temporário.

Terça-feira 13 e quarta-feira 14. Nova vaga de ocupações de faculdades após a realização de assembleias estudantis por toda a Grécia, apesar das tentativas de boicote pelas várias juventudes partidárias da esquerda à direita. Até estes dias mais de 70 faculdades tinham sido ocupadas em todo o território grego. Entretanto, um carregamento de munições que partiria num navio da marinha americana para Israel, a partir do porto de Astakos, é cancelado pelo governo grego após terem sido convocadas manifestações de protesto.

Sábado 17. Manifestação em Larissa pela libertação das pessoas detidas durante a “rebelião grega”, que são processadas segundo a lei “anti-terrorista”. Realizam-se duas manifestações, uma anarquista e outra da esquerda que acabam por se juntar no fim, após ataques policiais. Fachadas de bancos, caixas automáticas, câmaras de vigilância são destruídas, é expropriada comida dos supermercados e há confrontos com a polícia.

Quinta-feira 22. Cerca de 10 mil pessoas manifestam-se em Atenas em solidariedade com Konstantina Kuneva. Perto do Ministério do Trabalho travam-se confrontos com a polícia. No percurso da manifestação são atacados vários símbolos do capital.

Sábado 24. Em Atenas mais de 5 mil pessoas participam numa manifestação, convocada por anarquistas, contra a lei “anti-terrorista” e pela libertação das pessoas detidas. No percurso do protesto são destruídas câmaras de vigilância e montras. A polícia anti-motim ataca os

manifestantes originando confrontos que se prolongam por várias horas. No mesmo dia outras cidades gregas são palco de manifestações semelhantes.

Sábado 31. Manifestação de solidariedade com Konstantina Kuneva em Pireus, com a participação de 700 pessoas sob chuva intensa.

Segunda 2 de Fevereiro. Confrontos no porto de Pireus entre a polícia e agricultores que pretendem fazer uma marcha de protesto com 300 tractores até ao Ministério da Agricultura, resultando em vários feridos e

detidos. Em solidariedade, na cidade de Iraklion, agricultores ocupam o edifício do governo regional de Creta, exigindo a libertação dos seus companheiros detidos e a liberdade de manifestação para os agricultores. Ameaçam incendiar o edifício, tal como aconteceu em 1991, e lançam um apelo para que se unam à sua luta estudantes, trabalhadores e desempregados.



Para a elaboração desta cronologia socorrem-nos, para o mês de Dezembro, da revista *Anarchosyndicalisme* nº 110 (publicação da CNT-AIT francesa) e, para o mês de Janeiro, das notícias publicadas nos blogs redelibertaria.blogspot.com, greclibertaria.blogspot.com e www.occupiedlondon.org. A cronologia não é exhaustiva e muitos acontecimentos igualmente importantes não foram incluídos por falta de espaço, pelo que recomendamos a leitura das fontes referidas.

A Solidariedade é uma Arma

Imediatamente após o assassinato de Alexis Grigoropoulos por um polícia e o eclodir da revolta grega, fez-se sentir em várias partes do mundo uma forte corrente de solidariedade, através de acções contra interesses do Estado grego, contra símbolos do Estado e do Capital e de manifestações. Nos cinco dias depois da morte de Alexis realizaram-se acções de solidariedade em pelo menos 30 países, das quais referimos algumas:

Em Londres (Inglaterra), a embaixada grega foi ocupada por 30 pessoas no dia 8 de Dezembro. A bandeira grega foi retirada, queimada e substituída por uma bandeira vermelha e negra. Houve detenções.

Em Berlim (Alemanha), o consulado grego foi ocupado no dia 7 de Dezembro. Realizou-se também uma manifestação de centenas de pessoas.

Na ilha de Chipre, na cidade de Páfos, 400 estudantes concentraram-se em frente à delegacia geral, tentaram ocupar a rua e foram atacados pela polícia que deteve um manifestante. Em Lefkosia houve uma concentração em frente à embaixada grega em que foram presos dois anarquistas.

Em Madrid (Espanha), no dia 9, centenas de pessoas manifestaram-se perto da Gran Vía, atacaram uma esquadra da Polícia Municipal, bancos e lojas. Foram detidas 5 pessoas. Em Barcelona cerca de 800 pessoas concentraram-se na Praça da Universidade, registando-se confrontos com a polícia. Onze pessoas foram detidas. Houve concentrações também em Bilbao, Sevilha e Corunha.

Em Bristol (Reino Unido), uma esquadra da polícia foi destruída, assim como oito veículos. Em Edimburgo realizou-se uma manifestação no centro da cidade.

Em Copenhaga (Dinamarca), a entrada da embaixada da Grécia foi bloqueada por manifestantes. Realizou-se também uma manifestação que pretendia chegar à Embaixada da Grécia mas, após ataques da polícia, resultou em distúrbios. 62 pessoas foram detidas e houve vários feridos, entre os quais dois atropelados por veículos da polícia.

Em Istambul (Turquia), 40 solidários desfaldaram uma faixa enquanto o consulado grego era pintado com tinta vermelha.

Em Estocolmo (Suécia), realizou-se uma concentração em frente à embaixada grega.

Em Paris (França), realizou-se um piquete de 50 pessoas em frente da embaixada grega. Em Bordéus dois carros foram incendiados diante do consulado grego e frases pintadas no edifício.

Em Roma (Itália), cerca de 200 anarquistas e autónomos queimaram dois carros da polícia e um camião militar, partiram montras de vários bancos e de lojas de luxo,

assim como um escritório auxiliar do consulado grego. Em Bolonha realizaram-se também vários protestos. Em Veneza, o Instituto de Cultura Grega foi ocupado.

Em Bucareste (Roménia), o consulado grego foi ocupado.

Em Nova Iorque (EUA), a fachada do consulado grego foi vandalizada por anarquistas. Em Olympia (Washington) realizou-se um desfile.

Em Melbourne (Austrália), o consulado grego foi vandalizado por anarquistas e uma bandeira negra foi hasteada na sua fachada.

Em Santiago (Chile), anarquistas realizaram uma concentração em frente à embaixada da Grécia.

Na Capital Federal do México, anarquistas atacaram uma esquadra policial.

Em Berna (Suíça), cerca de 70 pessoas concentraram-se em frente ao consulado grego. Em Sófia (Bulgária), realizaram-se também vários protestos.

Em Zagreb (Croácia) a embaixada grega foi atacada.

Em Moscovo (Rússia), foi lançado um engenho incendiário contra o consulado grego.

Em Portugal, em Lisboa realizaram-se duas concentrações em frente da Embaixada da Grécia. Grupos de anarquistas afixaram faixas pela cidade e realizaram inúmeras pintadas. No Porto, uma frase foi pintada na entrada do consulado grego: "Quem semeia ventos, colhe tempestades!".

"Não esqueçamos, não perdoamos" – 20 de Dezembro: Dia de Acção Internacional

No dia 13 de Dezembro, a assembleia do Politécnico Ocupado de Atenas decidiu lançar um apelo a «acções de resistência, a nível europeu e mundial, em memória de todos os jovens assassinados, migrantes e todos aqueles que estavam a lutar contra os servos do Estado. Carlo Giuliani, a juventude dos subúrbios franceses, Alexandros Grigoropoulos e inúmeros outros, em todo o mundo. As nossas vidas não pertencem aos Estados nem aos seus assassinos! A memória dos irmãos e irmãs, amigos e companheiros assassinados mantém-se viva através das nossas lutas! Não nos esqueçamos dos nossos irmãos e irmãs, nós não perdoamos os seus assassinos». Por todo o mundo, ouviram-se respostas a este apelo no dia 20 de Dezembro, de que enumeramos algumas:

Na Argentina, anarquistas detonaram dois explosivos à porta da embaixada grega em Buenos Aires.

Nos EUA: houve manifestações em São Francisco (onde seis pessoas foram presas por "vandalismo"), Boston, Portland, Modesto, Toledo, Denver, Rochester; em Nova Iorque

houve uma reunião de solidariedade na New School University ocupada; em St. Louis houve um acto público na Cidade Universitária; em Tacoma dois postos da Shell e da Chevron foram atacados e pintados; em Denver e em Carrboro foram afixadas faixas pela cidade e em Kansas City a Embaixada do México foi pintada em solidariedade com as lutas na Grécia e em Chiapas.

Em Zurique (Suíça), 40 anarquistas atiraram bombas de tinta contra o consulado grego e ocuparam-no.

Na Alemanha: em Hamburgo mil pessoas marcharam pela cidade sob o lema "a solidariedade é uma arma" e, após a manifestação ter sido dissolvida pela polícia, pequenos grupos atacaram membros da polícia e incendiaram contentores de lixo no centro da cidade; em Offenburg realizou-se uma manifestação e em Estrasburgo uma concentração em frente ao consulado grego.

Na Rússia, em Barnaul, houve uma manifestação no centro da cidade na qual 10 pessoas foram presas, em São Petersburgo um banco foi atacado com bombas de tinta.

Em França: em Toulouse realizou-se um acto de solidariedade e uma manifestação; em Paris e Montauban houve distribuição de panfletos; em Lyon cem pessoas marcharam até à câmara municipal pintando lojas e rebentando fogos de artifício.

Em Itália: em Perugia o consulado grego foi atacado com bombas de tinta; em Roma a embaixada grega foi atacada com explosivos; em Milão, Nápoles e Lecce realizaram-se manifestações; em Bolonha o banco Unicredit foi atacado com uma bomba.

Em Espanha: em Valladolid e Bilbao realizaram-se concentrações, em Barcelona uma manifestação foi reprimida pela polícia e houve detenções.

Em Londres (Inglaterra), o Centro de Cultura Helénica foi atacado com tinta vermelha.

Houve também manifestações de rua em Dublin (Irlanda), Nicósia (Chipre), Reykjavik (Islândia), Lubiana (Eslovénia) e concentrações em frente às embaixadas da Grécia em Copenhaga (Dinamarca), Belgrado (Sérvia), Zagreb (Croácia), São Paulo (Brasil), Cidade do México, Istambul e Ankara (Turquia).

Em Portugal, realizou-se uma manifestação com cerca de 80 pessoas, pela Baixa de Lisboa, durante a qual foram feitas pintadas e se parou o trânsito. Na Amadora, o Núcleo de Estudantes Libertários afixou uma faixa e distribuiu panfletos aos transeuntes. No Porto, uma faixa foi pendurada na fachada do centro social Casa Viva: "Hoje Grécia. Amanhã... O Estado criminaliza. A imprensa aponta. A bófia dispara."



Nada será como antes, nunca mais

Texto dos Movimentos para a Generalização da Revolta Popular na Grécia

Em 6 de Dezembro, às 9h da noite, um membro da polícia anti-motim pôs-se em posição e disparou, matando um jovem de 15 anos. Este assassinato não é um acto isolado da violência policial. Na manhã desse mesmo dia, um grupo de imigrantes que esperavam numa fila para entregar os seus pedidos de asilo no comissariado de polícia da Avenida Petrou Ralli foram atacados pela polícia anti-motim. Um paquistanês, agredido na cabeça, foi internado, com um traumatismo cerebral, nos cuidados intensivos do Hospital Evangelismos, onde luta para sobreviver. Estes são apenas mais 2 casos entre as dezenas de casos semelhantes ocorridos nos últimos anos.

A bala que trespassou o coração de Alexis não foi disparada ao acaso, foi dirigida directamente para o seu corpo, o corpo de um jovem “indócil”. Esta foi uma decisão do Estado para impor violentamente a submissão e a ordem nos meios e movimentos que querem resistir às suas decisões. Uma decisão para ameaçar todos os que querem resistir às novas medidas tomadas pelos patrões, pelos chefes da segurança social, da saúde pública, da educação, etc: os que trabalham esgotam-se até ao limite para ganhar um mísero salário mensal de 600 euros, trabalham até à exaustão cada vez que os chefes precisam, fazem horas extra não remuneradas e são despedidos quando as empresas entram “em crise”. E, finalmente, devem matar-se a trabalhar sempre que a intensificação da produção o exija, como os trabalhadores portuários que, há cinco meses, morreram nos estaleiros navais de Perama. Se forem trabalhadores imigrantes e se atreverem a exigir mais uns euros, enfrentarão espancamentos e uma vida de terror, como se passa com os trabalhadores de ambos os sexos nas estufas de morangos, no Peloponeso ocidental.

Os estudantes deverão passar o seu tempo em habitações e instalações degradadas, pagar as matrículas e “preparar-se” para extensas épocas de exames. Crianças e adolescentes deverão alhear-se de brincarem uns com os outros na rua e sentirem-se des preocupados, para

absorverem a “realidade” dos programas televisivos e dos jogos electrónicos, porque os espaços públicos foram transformados em centros comerciais, ou porque as crianças não têm tempo livre para brincarem.

Mais tarde, como estudantes universitários, visto que esse é o caminho natural para o “sucesso”, descubrem que os alegados “conhecimentos científicos” adquiridos estão de facto organizados e orientados para a satisfação das necessidades dos chefes. Um estudante universitário deverá adaptar-se continuamente aos novos currículos e planos de estudos, para obter o maior número possível de “certificados” e, no final, ser recompensado com um diploma que pouco mais é do que um rolo de papel higiénico, mas sem a sua utilidade prática. Uma qualificação que não lhe vai conseguir ter um ordenado superior a 700 euros mensais, tantas vezes sem segurança social nem assistência médica. Tudo isto se passa no meio de uma dança louca de milhões entre empresas e atletas Olímpicos dopados extravagantemente pagos para “glorificar a pátria”, dinheiro esse que acaba nos bolsos dos ricos e poderosos. Com enormes luvas para os “amigos” e a compra a jornalistas corruptos de provas incriminatórias, para esconder o envolvimento de membros do governo em diversos “escândalos”. Entretanto, dezenas de pessoas morrem em incêndios, para que o grande capital possa transformar florestas em negócios turísticos, e as mortes de trabalhadores na construção civil e nas ruas são consideradas meros “acidentes de trabalho”. E o Estado, enquanto distribui o capital aos bancos para os ajudar, afoga-nos a nós no mar de dívidas dos empréstimos e aumenta os impostos directos para todos os trabalhadores. E enquanto tudo isto se passa, a estupidez das bem pagas estrelas da televisão torna-se o evangelho dum número cada vez maior de explorados.

A bala que atravessou o coração de Alexis foi uma bala que atingiu o coração da exploração e da repressão de uma parte importante desta sociedade que sabe que não tem nada a perder, excepto a ilusão de

que as coisas poderiam melhorar. Os acontecimentos que se seguiram a este assassinio provam que uma grande parte dos explorados e oprimidos estão enterrados neste pântano até ao nariz, e que este pântano, ao transbordar, ameaça afogar patrões e políticos, partidos e instituições estatais.

Está na altura de limpar este mundo repugnante, baseado na exploração do homem pelo homem e no poder de uns poucos sobre a maioria. Os nossos corações estão cheios de confiança, enquanto que os chefes tremem de medo. A destruição dos templos de consumo, a reapropriação dos bens, o “saque” de todas as coisas que nos roubaram, enquanto nos bombardeiam com anúncios publicitários, é a tomada de consciência profunda de que toda esta riqueza é nossa – de todos – porque fomos nós que a produzimos. “Nós”, neste caso, refere-se a todos os trabalhadores no seu conjunto. Esta riqueza não pertence aos proprietários das lojas, nem aos banqueiros, esta riqueza é o nosso sangue e o nosso suor, é o tempo que os patrões nos roubam todos os dias. É a nossa doença quando nos reformamos. É as discussões em casa e a incapacidade de nos encontrarmos com os nossos amigos num fim-de-semana à noite. É o afundarmo-nos na solidão e no tédio das tardes de domingo e a sensação de asfíxia nas manhãs de segunda-feira.

Explorados e oprimidos, gregos e imigrantes, trabalhadores, desempregados ou estudantes, respondemos agora ao falso dilema colocado pelos mass media e pelo Estado: estamos com os “encapuçados” ou estamos com os proprietários das lojas? Este dilema não passa de uma armadilha. Porque o verdadeiro dilema, que os mass media não colocarão, é outro. Consiste em estar com os patrões, ou estar com os trabalhadores; estar com o Estado, ou estar com a revolta. É por esta única razão que os jornalistas fazem o que podem para difamar o movimento, falando em “encapuçados”, “saqueadores”, etc. Eles querem espalhar o medo entre os oprimidos por uma simples razão: a revolta torna a sua situação – e a dos seus patrões – muito precária. A revolta ameaça a realidade que criaram, luta contra a sensação de que

“tudo vai bem”, contra a separação entre uma “revolta sentimental e justa” e uma “revolta extremista” e, por último, contra qualquer distinção entre “foras-da-lei” e manifestantes pacíficos.

Face a este dilema, a nossa resposta: somos a favor dos “encapuçados”; somos os “encapuçados”. Não porque queiramos esconder a cara, mas porque queremos tornar-nos visíveis. Existimos. Usamos capuzes, não por amor à destruição, mas pela nossa vontade de tomar a nossa vida nas nossas mãos. Para construir, sobre a tumba das mercadorias e dos poderes, uma sociedade diferente. Uma sociedade na qual todos juntos decidiremos, em assembleias de escolas, universidades, locais de trabalho e bairros, tudo aquilo que nos diz respeito, na qual os nossos destinos estarão nas nossas mãos, e não nas de nenhum deputado, presidente de câmara, chefe, sacerdote ou polícia. A esperança nesta vida foi de novo posta na mesa pelas barricadas erguidas em toda a Grécia e pela

solidariedade no estrangeiro. Falta transformar esta esperança em realidade. Esta vida que pretendemos está a ser posta à prova nas assembleias que se realizam nos edifícios municipais, nas praças, nas sedes dos sindicatos e nas universidades, nos edifícios ocupados em Atenas e noutras cidades da Grécia. Assembleias nas quais todos podem exprimir livremente as suas opiniões e discutir as formas de acção colectiva, na base dos seus desejos e necessidades. O sonho desta vida nova começou a tomar forma.

Que falta fazer para ver este sonho realizado?

Devemos organizar-nos segundo o nosso próprio ritmo de estudo, trabalho e habitação. Nos nossos locais de trabalho, discutimos os nossos problemas do dia-a-dia e criamos núcleos de resistência contra o terror dos chefes. Nas nossas escolas, contribuímos e apoiamos as suas actividades profissionais, criamos grupos de contra-informação, organizamos conferências e

oficinas, pomos em questão os conhecimentos dominantes e produzimos novos conhecimentos, orientados para as nossas necessidades e não para as do capital. Nos bairros e quarteirões falamos com os nossos vizinhos, criamos comités e assembleias, partilhámos conhecimentos e capacidades, e decidimos colectivamente acções. Participamos em manifestações e protestos, mantemo-nos unidos e solidários, lutamos contra o medo difundido pelo Estado, ajudamos os estudantes que, de momento, são os mais atacados pelo Estado. Mantemos a solidariedade com os presos durante a revolta, tanto gregos como imigrantes, na Grécia e no estrangeiro, a maioria dos quais estão agora a ser atacados com todas as artimanhas legais do arsenal de leis de luta contra o terrorismo, porque se opuseram a todos os ditames do Estado.

**Tudo começa agora.
Tudo é possível.**

Movimentos para a generalização da revolta

Declaração da Assembleia de Ocupação da Sede da Confederação Geral dos Trabalhadores da Grécia (GSEE)

A nossa história será feita por nós próprios ou à nossa revelia

Nós, trabalhadores manuais, empregados, desempregados, trabalhadores temporários, locais ou imigrantes, nós que não somos telespectadores passivos mas que participamos, desde sábado à noite, após o assassinato de Alexandros Grigoropoulos, nas manifestações e confrontos com a polícia, nas ocupações no centro e nos bairros, nós que tantas vezes tivemos de abandonar o nosso trabalho e as nossas ocupações quotidianas para estar na rua ao lado dos alunos, dos estudantes e de outros proletários que lutam.

Nós decidimos ocupar o edifício da GSEE (Confederação Geral dos Trabalhadores da Grécia):

– Para transformá-lo num local de liberdade de expressão e de encontro dos trabalhadores.

– Para acabar com o mito propalado pelos meios de comunicação segundo o qual os trabalhadores estavam e estão ausentes das revoltas e que a cólera expressa nestes dias é produto de 500 “encapuçados” e “hooligans”, enquanto que os trabalhadores são apresentados nos telejornais como vítimas desses confrontos, e isso na própria altura em que a crise capitalista na Grécia e no mundo inteiro atira centenas de milhares de trabalhadores para o desemprego, situação considerada pelos mass media e seus patrões como um “fenómeno natural”.

– Para denunciar e revelar o papel desempenhado pela burocracia sindical e o seu esforço para sabotar a rebelião. A GSEE e todo o mecanismo sindical que a apoia desde há décadas, minam as nossas lutas, vendem a nossa força de trabalho a troco de migalhas, perpetuam o regime de

exploração e escravidão assalariada. A sua atitude na passada quarta-feira é reveladora, pois cancelaram o desfile que estava programado, limitando-se a uma breve concentração na Praça Sintagma, e pressionaram os presentes a abandonar rapidamente a praça para evitar o seu “contágio” pelo vírus da revolta.

– Para que pela primeira vez este espaço, construído com o nosso dinheiro mas do qual fomos excluídos, esteja aberto a todos, à imagem da abertura social fruto desta rebelião. Há anos que confiamos em todas a espécie de salvadores, ao ponto de perdermos a nossa dignidade. Como trabalhadores, temos de começar a assumir as nossas responsabilidades e não depositar as nossas esperanças em nenhum líder “iluminado” nem em nenhum representante “competente”. Temos de adquirir a nossa própria voz, encontrarmo-nos, discutir, decidir e agir. Contra os ataques generalizados de que somos alvo. Criar resistências colectivas vindas “de baixo” é o único caminho.

– Para promover a ideia da auto-organização e da solidariedade nos locais de trabalho, dos comités de luta e dos processos colectivos colectivos de base, abolindo os sindicatos burocratizados.

Durante todos estes anos, resignámo-nos à miséria, à torpeza e à violência no trabalho. Habitámo-nos a contar os nossos inválidos e os nossos mortos – factos baptizados de “acidentes de trabalho”. Habitámo-nos a contar os imigrantes – nossos irmãos de classe – assassinados e a permanecer indiferentes. Cansámo-nos de viver na ansiedade de assegurar um salário,



**Na faixa pendurada na fachada pode ler-se:
Dos “acidentes de trabalho” aos assassinatos a sangue frio,
o Estado-Capital mata
Basta de perseguição:
libertação imediata dos detidos
GREVE GERAL
A auto-organização dos trabalhadores será
a tumba dos patrões**

cansámo-nos das cotizações para a segurança social e duma pensão que parece ser um sonho irrealizável. Tal como lutamos para não deixar as nossas vidas nas garras dos patrões e dos representantes sindicais, não deixaremos nenhum preso insurrecto nas garras do Estado e dos seus mecanismos judiciais.

**Liberdade imediata de todos os presos em prisão preventiva.
Retirada de todas as acusações contra os presos.
Auto-organização dos trabalhadores.
Greve geral.**

*Assembleia Geral dos Trabalhadores Insurrectos
quarta-feira, 17/12/2008*